

## **Comemoração do 43º aniversário da UA, 15 de dezembro de 2016**

### **Intervenção do Senhor Reitor, Prof. Doutor Manuel Assunção**

---

Dou a todos as boas vindas a esta cerimónia que marca a passagem de 43 anos sobre um ato fundador da UA: a primeira reunião da sua Comissão Instaladora.

Um agradecimento muito especial à Senhora Secretária de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior. Mais do que estar presente neste ato e ter honrado a inauguração do Complexo das Ciências da Comunicação e Imagem, quis a Professora Fernanda Rollo comemorar connosco da melhor maneira possível: dedicando uma manhã ao ensino artístico onde nos ouviu sobre a área da formação musical. Música que em boa hora trouxemos para a UA: porque tem contribuído, em mútuo reforço com a Orquestra Filarmonia das Beiras, para a qualificação de jovens profissionais, para a sensibilização de públicos cada vez mais vastos, para a dinamização do ambiente cultural da cidade e da região; e porque se tem afirmado como um dos domínios de maior valor e de mais atratividade de estudantes nacionais e estrangeiros.

E vai a Senhora Secretária de Estado, a seguir a esta sessão, trabalhar connosco nos outros campos – também de grande valia e impacto – que compõem o projeto integrado que o DeCA constitui: o Design e a Comunicação.

Fico-lhe reconhecido, estimada Professora Fernanda Rollo, por esse privilégio de a ter quase um dia inteiro por nossa conta. Ainda por cima interessando-se por setores do conhecimento minoritários, mas a que atribuímos enorme relevância. A somar a outras causas onde a UA e a Secretaria de Estado vêm colaborando: a gestão de ciência, a Volta a Portugal do Conhecimento, a inclusão de estudantes

com deficiência, a questão dos refugiados, o Orçamento Participativo, o Movimento Código Portugal, o repositório digital, a contratação de cientistas...

Uma segunda nota para o novo Presidente do Conselho de Curadores a quem não tínhamos tido, até agora, a oportunidade de saudar publicamente. É aquele Conselho constituído por um conjunto de personalidades notáveis, o que só salienta o mérito do Professor António Correia de Campos, se necessário fosse. Sei do seu empenho, que é também o dos restantes Curadores, em tornar possível o aprofundamento do regime fundacional, de modo a permitir à UA e a outras suas congéneres um melhor e mais efetivo cumprimento da missão que responsabilmente assumem. Conhecedor do seu carácter determinado, que se alia à sua inultrapassável competência em tudo o que respeita à Administração da *res publica*, é com grande agrado que acolho o Professor Correia de Campos nesta casa; confiando todos nós, naturalmente, na valia da ação que levará a cabo.

O Henrique Cruz, por razões que se entendem bem, ligadas à necessidade de concluir o seu mestrado, não se vai recandidatar. Ganhar-se-á um Engenheiro mais cedo, perde-se certamente um excelente Presidente da Associação Académica, bem na linha de outros líderes académicos que a UA gerou. Porque o Henrique pautou a sua ação por total independência, contudo, em espírito de diálogo e de grande cordialidade; demonstrando vontade de fazer coisas novas, mas privilegiando sempre o equilíbrio na sua gestão dos vários vetores em liça. Em particular, prosseguiu, com muita dedicação, um caminho de apoio ao desporto universitário, em que estivemos, também aí, em perfeita sintonia. Por tudo isso, o meu obrigado institucional, mas igualmente pessoal. Aquele abraço, Henrique!

Esta sessão é, ano após ano, marcada pela entrega dos prémios aos estudantes que mais se distinguiram nos seus trabalhos académicos. Sabemos que quem faz

as instituições fortes são as pessoas. O que faz as Universidades melhores é, em larga medida, a excelência dos seus estudantes. É, portanto, muito apropriado que nesta data se dê palco ao mérito. Os meus parabéns aos premiados; e o meu obrigado aos patrocinadores, nossos amigos, que associando-se a nós tornaram possível mais este momento de exaltação da vida da UA.

Esta é também a ocasião, no nosso ciclo anual, em que habitualmente se faz um balanço no estilo “estado da Universidade”. Não quero fugir a essa tradição.

2016 tem sido um ano bom. Aprofundámos o programa para a Saúde, configurando consórcios externos de grande projeção, onde se inclui uma ação *Teaming* em Medicina Regenerativa e de Precisão, de âmbito internacional. Foi assinado, com a Bosch, um projeto de significativo alcance - em particular, ao nível do emprego qualificado -, representando um acréscimo de centena e meia de recrutamentos; e outro com a Navigator, de fôlego comparável, está muito próximo de o ser. Candidatámos a fundos regionais sete linhas de investigação, de carácter transversal, contando cada uma com a inclusão obrigatória de várias valências científicas da UA. Aumentámos em mais duas - são agora dez - as áreas científicas no *ISI Essential Indicators*. Tivemos um significativo sucesso no Concurso Investigador da Fundação para a Ciência e Tecnologia. E passámos a deter duas prestigiosas bolsas do *European Research Council*.

Concluímos a candidatura do nosso Sistema de Garantia de Qualidade à certificação pela Agência de Avaliação e Acreditação. Prosseguimos a nossa política de atração de estudantes estrangeiros, dedicando, no ano letivo em curso, um olhar especial à valorização da língua portuguesa. Fomos capazes de quase duplicar o número de alunos excepcionais com a atribuição de bolsas aos melhores caloiros que nos quiseram escolher. De igual modo, a política de redistribuição de

vagas permitiu aumentar a atração de estudantes melhores e mais motivados. Dinamizámos a prática desportiva através de um empenho reforçado que partilhámos com a AAUAv e de um programa de bolsas de mérito desportivo; a que acrescentámos a renovação e construção de infraestruturas para o efeito.

Na frente regional prosseguem as ações decorrentes da Estratégia Integrada de Desenvolvimento Territorial, cuja elaboração coordenámos. O projeto *EUnivercities* permitirá qualificar a relação UA-cidade, com extensão às nossas outras cidades. Merece relevo, neste âmbito, a triangulação com Oliveira de Azeméis e S. João da Madeira e o respetivo tecido industrial que foi possível promover. A relação com Águeda intensificou-se bastante. Vai-se, assim, concretizando o conceito de universidade cívica que temos em mente: um domínio onde não deixaremos de aprofundar a quantificação do nosso impacto, no contexto da terceira missão universitária que vimos realizando.

Terminámos o novo Edifício do DeCA, dedicado ao Design e à Comunicação. O ECOMARE entrou em funcionamento, abrangendo já uma parceria com o Oceanário de Lisboa e uma articulação com o CITAQUA, onde também participamos, direcionada ao apoio da aquacultura na Ria. O Parque de Ciência e Inovação com a sua emblemática *Design Factory* encontra-se em fase de conclusão. Demos por finalizado, com sucesso, o enorme investimento feito na modernização dos equipamentos para investigação. Acelerámos o ciclo de reabilitação calendarizado dos edifícios.

A instalação da sinalética, há tanto tempo ambicionada, foi iniciada. E tendo prosseguido em vários setores a nossa ação por um Campus mais sustentável e mais exemplar, merece destaque o projeto U-bike, esperando que ele ponha a UA

numa roda viva, em coerência com o movimento "compromisso com a bicicleta" que começámos e que teve adesão nacional.

A área da Comunicação da Ciência muito vasta e a que devotamos uma enorme atenção também se portou bem. De salientar que a Fábrica da Ciência Viva ganhou o projeto para a nova Exposição do Pavilhão da Água do Porto, instalou no Mindelo a segunda Casa de Ciência de Cabo Verde e desenvolveu, produziu e instalou o Dóing, o primeiro *MakerSpacer* de Portugal em Museus.

Um olhar para a UA, enquanto organização, também não foi esquecido, destacando-se nessa frente a candidatura de um projeto de Capacitação do Capital Humano, dirigido aos Serviços, conducente à utilização de metodologias avançadas de gestão por processos, bem como à sua reengenharia e desmaterialização; e um projeto SAMA2020, destinado à Modernização do Sistema de Informação de Suporte ao Ensino que, em parceria com a UTAD, fomos competentes para ganhar.

Principalmente, intensificámos o ritmo de concursos para docentes e não docentes, realçando-se, em particular, o recrutamento prometido de 10 investigadores de topo: um esforço, na área do nosso capital humano, que será aprofundado no ano que vem com preocupação pela atração de talentos, pelo reconhecimento do mérito, pelo rejuvenescimento do corpo docente, pelo reequilíbrio da percentagem de professores de carreira e pelo recrutamento específico em áreas estratégicas. Contando para isso, não só com o alívio no esforço financeiro feito no reapetrechamento de equipamento científico, mas também com a nova possibilidade de gestão orçamental da componente salarial e com o apoio do Estado, decorrentes do contrato entre o Governo e as

Universidades Públicas Portuguesas no contexto do compromisso com a Ciência e o Conhecimento.

Enquanto isto tudo aconteceu, mantivemos ou melhorámos a nossa posição nos *rankings* internacionais e acautelámos a estabilidade financeira; não descurando, ao mesmo tempo, o acompanhamento dos estudantes, em geral, e o apoio devido aos estudantes carenciados ou com necessidades especiais.

Fizemos, portanto, bem e a nossa velocidade de cruzeiro é boa! Por causa da dedicação e do mérito de quantos constituem a Comunidade UA ou colaboram com ela. Diria que cumprimos, com distinção, o nosso dever. E que a nossa tradição de bem-fazer se concretizou uma vez mais.

Mas como escreveu Somerset Maugham “A tradição deve funcionar como guia, nunca pode ser encarada como uma limitação”. Há que gerir bem esse binómio: fazer bem *versus* olhar para diante. Porque o que deve fazer mover as Universidades está sempre à frente delas. O desígnio é antecipar o futuro: constantemente! Por isso, por maior que seja a legítima satisfação que sintamos, é tempo de procurar caminhos de descoberta que ainda não trilhámos, é fundamental conservar acesa a chama da inquietação. Definir, com imaginação e criatividade, projetos de rutura que por o serem não se situem apenas no quadro do que vimos fazendo bem até agora, mas que representem algo de novo, permitindo posicionarmo-nos melhor, ser mais competitivos, ter mais impacto num tempo mais além. Ter a visão de construir programas que acorram aos grandes desafios sociais, os quais serão, necessariamente, iniciativas com um contributo plural, das Ciências e Engenharias, das Ciências Sociais, das Humanidades, das Artes: programas, portanto, portadores dos gérmes da coesão interna e da relação virtuosa com a sociedade de que somos parte. Assumir a pró-atividade de

estabelecer, em associações variadas com o tecido produtivo, lógicas de especialização multidisciplinar, tão características da revolução digital de hoje; uma área na qual, pela sua cultura e estrutura organizacional, a UA detém condições muito favoráveis para contribuir e marcar pontos.

Ser capaz, assumindo a nossa responsabilidade social, de ter uma maior intervenção na vida portuguesa através de contributos que tragam mais soluções para os problemas das pessoas, das cidades, da região ou do país. Mas, paralelamente, aceitar que não se podendo ser muito bom em tudo, há que fazer escolhas e concretizar apostas, especializando-nos em domínios onde constituamos referências, como tal reconhecidas também a nível internacional. A que não pode deixar de se somar, repito, a atração de talentos e a seleção de pessoas com perfil de excelência; que são, no fim do dia, quem faz a diferença.

A iniciativa recente do Senhor Presidente do Conselho Geral, de ouvir personalidades externas para nos inspirar nos necessários desenvolvimentos estratégicos que há que traçar, insere-se bem nesta tipologia de intenções. Vários desses convidados corroboraram, aliás, essa necessidade de plasmar opções, de estabelecer competências diferenciadoras e de atuar num quadro de antecipações disruptivas.

Num momento em que se aproximam eleições para um novo Conselho Geral, nada parece mais apropriado do que discutir as ideias que queremos ver associadas ao futuro do projeto da Universidade de Aveiro. Ideias primeiro: naturalmente, a ser defendidas pelas pessoas que as propugnam; mas antes de discutir as pessoas, propriamente ditas, que as irão materializar. O Prof. Eduardo Marçal Grilo mostrou disponibilidade para dinamizar o debate que se impõe fazer, em moldes que serão definidos num futuro muito próximo.

Deixem-me recorrer ao Prémio Nobel da Literatura deste ano que pelo seu inconformismo, pelo conjunto de reações que gerou e pela própria decisão da outorga do prémio, representa muito do essencial do que quis trazer aqui:

*“...the present now will later be past*

*the order is rapidly fading*

*and the first one now will later be last...”*

São, portanto, os do permanente desassossego, da procura do diferente, das escolhas que privilegiem com inteligência, os caminhos que impreterivelmente teremos que trilhar. Para que amanhã continuemos numa velocidade de cruzeiro serena e sustentada; e a estar numa situação de prosseguir a abertura de horizontes mais longínquos, de fazer novas ruturas e de manter a inquietação a favor de um futuro, ainda mais longínquo, melhor para todos.